



**USO DO TERRITÓRIO NO OESTE DE SANTA CATARINA:
PRODUÇÃO AVÍCOLA E AS CRISES DE ABASTECIMENTO**

USE OF TERRITORY IN THE WEST OF STATE OF SANTA CATARINA,
BRAZIL: POULTRY PRODUCTION AND THE SUPPLY CRISES

Fabiane Ripplinger

Universidade Federal da Fronteira Sul
Programa de Pós-Graduação em Geografia
fabri.ham@hotmail.com

Ricardo Alberto Scherma

Universidade Federal da Fronteira Sul
ricardo.scherma@uffs.edu.br

Ederson Nascimento

Universidade Federal da Fronteira Sul
ederson.nascimento@uffs.edu.br

RESUMO

O presente estudo busca analisar a produção avícola, a sua relação com a produção de milho e as crises de abastecimento que ocorreram nos últimos anos, em especial em 2008, 2012 e 2016, na mesorregião Oeste de Santa Catarina. Com a intenção de compreender a dinâmica produtiva nessa região, mobilizaremos a categoria de análise “uso do território”. Essa categoria foi proposta por Milton Santos com a finalidade de realizar estudos baseados em abordagens territoriais em que o espaço é considerado como uma instância social. Foram realizadas análises com base em autores que estudaram a região, relatórios de empresas privadas e órgãos governamentais e banco de dados públicos. Os resultados da pesquisa mostram uma contradição entre a forte presença do circuito espacial avícola, que necessita de cereais (especialmente o milho) para abastecer as suas fábricas de ração, e a gradual redução das áreas de cultivo desse cereal no espaço agrícola regional. Abordamos, ainda, a presença de atores regionais não hegemônicos (sindicatos e cooperativas) que atuam preocupados com as questões do campo e buscam estimular, e mesmo organizar, uma produção agropecuária baseada no território, com vistas a mitigar e superar os problemas dos espaços rurais engendrados pelo uso corporativo do território.

Palavras-chave: Uso do território; Produção avícola; Produção regional de milho; Geopolítica do lugar.

ABSTRACT

The present study seeks to analyze the poultry production, its relation with maize production and the supply crises that have occurred in recent years, especially in 2008, 2012 and 2016, in the western mesoregion of the state of Santa Catarina. With the intention of understanding the productive dynamics in this region, we will mobilize the analysis category of use of territory. This category was proposed by Milton Santos with the purpose of carrying out studies based on territorial approaches in which space is considered as a social instance. The analyses were performed based on authors who studied the region, reports of private companies and government agencies and public databases. The research results show a contradiction between the strong presence of the poultry space circuit, which requires cereals (especially maize) to supply the ration factories, and the gradual reduction of this cereal cultivation areas in the regional agricultural space. We also deal with the presence of non-hegemonic actors (unions and cooperatives) that work in the region concerned with the "field issues" and that seek to stimulate, and organize, an agricultural production based on the regional territory, with the objective of mitigating and overcoming the problems in the rural spaces engendered by the corporate use the territory.

Keywords: Use of territory; Poultry production; Regional production of maize; Geopolitics of the place.

1 - Introdução

A Mesorregião Oeste Catarinense, formada por 118 municípios, possui sua base econômica calcada na agropecuária, e a sua capacidade industrial instalada está diretamente ligada à agroindústria. Nessa região, encontra-se um dos maiores circuitos de carnes e derivados da América Latina, e em decorrência disso se faz necessário que a produção de grãos – entre os quais, o milho, insumo para fábricas de ração – acompanhe no mesmo ritmo essa indústria de alta performance. Com a intenção de compreender a dinâmica produtiva ocorrida na referida mesorregião, a partir da ideia de uso do território (SANTOS, 1996; SANTOS; SILVEIRA, 2001), analisaremos o circuito espacial produtivo de carne-grãos, a produção de milho regional e as crises de abastecimento.

Como observa Pertile (2008), durante o desenvolvimento e fixação das agroindústrias do circuito carne-grãos no Oeste Catarinense, houve diversos investimentos e modificações no território e na economia da região. É com a finalidade de contribuir com o conhecimento geográfico dessa temática, que envolve os circuitos espaciais produtivos, o uso hegemônico do território, as crises engendradas por esse modelo de exploração dos recursos, e as reações e organização da sociedade civil, que empreendemos este estudo.

Para esta região, o milho tem grande importância econômica, pois é o principal insumo usado na fabricação da ração que serve para o abastecimento de inúmeros aviários e demais estabelecimentos de criação animal distribuídos no campo (MARTINS, 2007). Contudo, as chamadas crises de abastecimento estão se tornando recorrentes nos últimos anos. Entre 2012 e 2013, a crise do milho gerou inúmeras perdas financeiras e de rebanhos para a indústria e para produtores. Já em 2016, novos episódios de escassez e aumento dos preços foram registrados.

A presente pesquisa é de orientação documental, com dados obtidos em websites governamentais de gestão, de pesquisa, bibliotecas, bases de dados (como IBGE, EPAGRI, IPEA), bem como em jornais, relatórios de empresas privadas e mapas. Ademais, foram produzidos mapas temáticos contendo informações sobre unidades de abate e processamento de carnes, dos rebanhos de galináceos e da área de produção de milho na região estudada.

Mediante o exposto, analisaremos a seguir alguns pontos importantes sobre a história e produção avícola na região de estudo, da mesma maneira, o modo como as crises de

abastecimento afetaram e ainda podem afetar os produtores e as agroindústrias catarinenses.

2 - A produção avícola no Oeste Catarinense e as crises de abastecimento

A produção de carne de frango no Oeste Catarinense tem uma importante participação na economia regional. A partir dos anos 1960, este setor intensificou sua atuação na região ao substituir o modo de produzir de subsistência por atividade produtiva intensiva em técnica. O desenvolvimento de algumas empresas, como a Sadia e a Perdigão (fundidas em 2009, dando origem à BRF), e as novas alternativas de transporte e escoamento da produção, como por vias aéreas – o que possibilitou a integração ao mercado nacional – foram fatores centrais nesse processo. A presença de frigoríficos é marcante historicamente na porção ocidental de Santa Catarina, sendo as principais Perdigão S/A, fundada em 1934, Sadia Avícola (1944), Pamplona S/A (1948), Chapecó Alimentos (1952), Seara Alimentos (1956) e Coopercentral Aurora Alimentos (1969) (ESPÍNDOLA, 1999).

Tanto em Santa Catarina quanto especificamente na região aqui analisada, as exportações de origem avícola são muito significativas, pois o aparelho produtivo é bastante voltado ao mercado externo. Sendo o exterior o principal destino da produção, os maiores fluxos seguem para Japão, Holanda, Reino Unido, Arábia Saudita e Cingapura. No ano de 2000, o estado de Santa Catarina exportou 397 mil toneladas de carne de frango. Já em 2016, o estado exportava mais de um milhão de toneladas do mesmo produto (EPAGRI, 2017).

Para que a qualidade do produto seja comprovada e para atingir novos mercados consumidores, a articulação necessária se dá através de redes técnicas avançadas. Pode-se citar, como exemplo, o uso de tecnologias de rastreamento de produtos, que atendem às exigências do atual período, em que há uma dissociação cada vez maior dos lugares de produção e de consumo, o que impõe essa necessidade técnica na organização, uso e regulação da atividade produtiva no território.

Ademais, muitos dos postos de trabalho no Oeste Catarinense estão ligados ao circuito espacial produtivo de carnes-grãos (avícola), principalmente na produção de alimentos e no processamento destes. O mapa exibido adiante (Figura 1) nos permite analisar a dimensão deste circuito espacial produtivo. São 13 unidades produtivas de abate e processamento de aves de empresas com grande reconhecimento em diversas escalas

(regional, nacional e internacional) instaladas na área analisada. Observa-se também como os rebanhos de aves, que geram renda no campo, estão concentrados, especialmente na porção centro-meridional da mesorregião, de Chapecó a Capinzal-Ouro, e destes a Videira-Rio das Antas, além de alguns municípios a Oeste (Serra Alta, Sul Brasil, Palmitos, Iporã do Oeste e Itapiranga). Apesar de todo o espaço regional cooperar no processo produtivo, a densidade dos rebanhos é maior nos municípios que abrigam as unidades industriais e em seu entorno. Por serem indústrias intensivas em matéria prima, a necessidade de localizar os aviários próximos às unidades de abate e processamento torna-se um imperativo para o setor.

Ainda tratando da concentração dos rebanhos e da especialização regional, na Tabela 1 pode-se constatar que, dentre os 295 municípios catarinenses, os dez maiores produtores de frango encontram-se na mesorregião Oeste Catarinense. Dessa forma, é possível depreender a importância do circuito avícola na região e da região para esse circuito.

Tabela 1 - Principais municípios produtores de frangos em Santa Catarina (2016)

Município	Número de aves (milhões)*	%
Videira	35,97	4,01
Ipumirim	26,22	2,92
Concórdia	20,88	2,33
Ouro	18,55	2,07
Arabutã	17,70	1,97
Xaxim	17,13	1,91
Itapiranga	16,04	1,79
Palmitos	15,79	1,76
Itá	15,20	1,69
Tangará	14,42	1,61
Demais municípios	698,93	77,94
Total	896,81	100,00

*Os dados incluem os frangos abatidos em Santa Catarina (97,31%) e aqueles abatidos em outras UFs (2,69%), bem como as diversas categorias de galinhas destinadas ao abate no período (bisavós, avós, matrizes, poedeiras comerciais e frangos de corte).

Fonte: CIDASC, in EPAGRI (2017).

Atualmente, Santa Catarina encontra-se em segundo lugar na produção nacional com um total de 1.871.315 toneladas de carcaças em 2018 (13,8% do total nacional), ficando atrás somente do Paraná, que produziu cerca de 4.313.023 toneladas (31,9% da produção nacional) (EPAGRI, 2019). Ao analisarmos os dados estaduais por mesorregião, observa-

se que o Oeste Catarinense possui grande notoriedade na produção de frangos, sendo responsável por quase 80% da produção estadual em 2018 (Cf. Tabela 2 e Figura 1).

Tabela 2 - Produção de frangos em Santa Catarina, por mesorregião geográfica (2018)

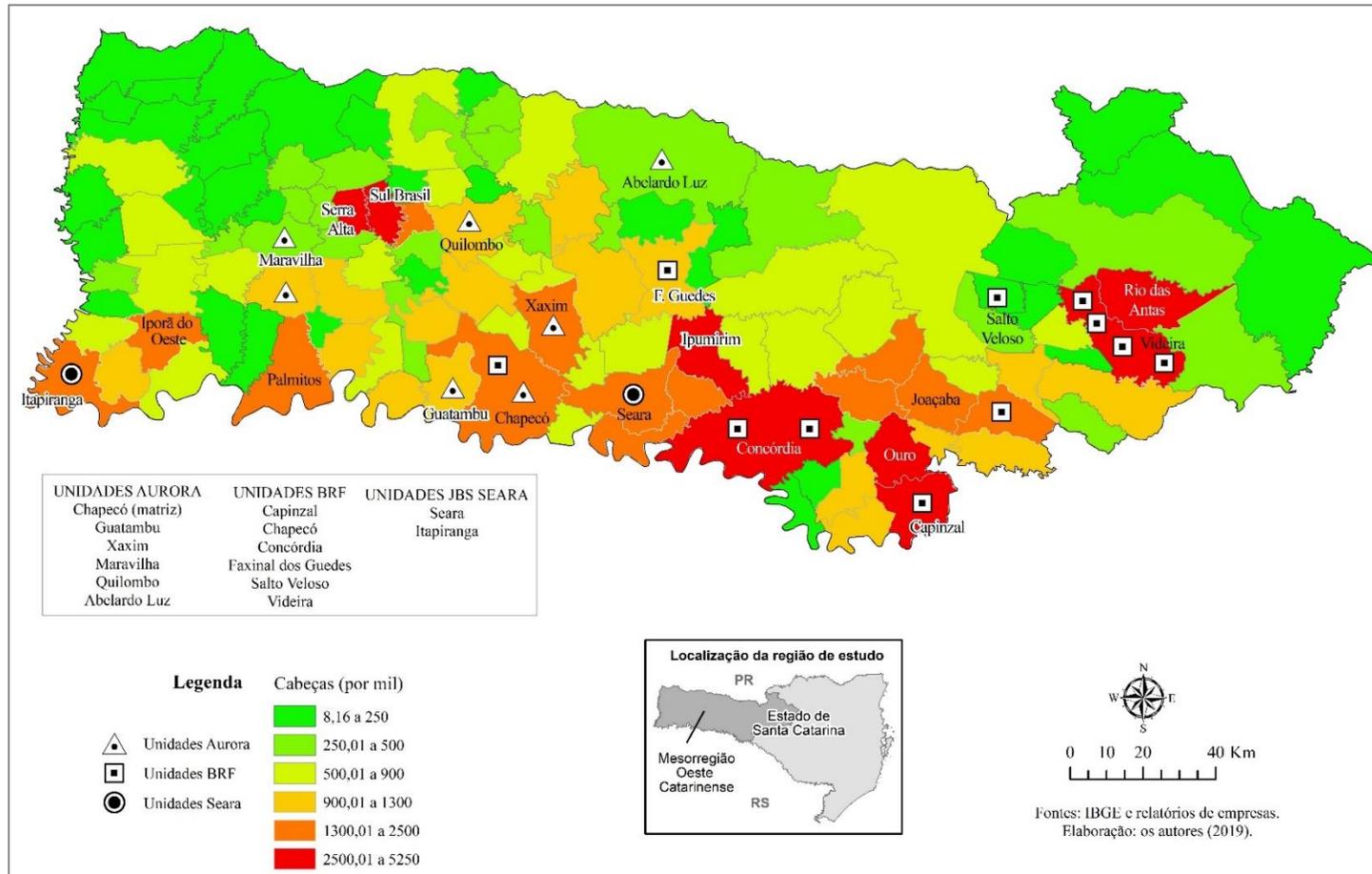
Mesorregião	Cabeças (em milhões)*	%
Oeste Catarinense	625,9	79,4
Sul Catarinense	92,9	11,8
Norte Catarinense	40,9	5,2
Grande Florianópolis	14,1	1,8
Serrana	9,5	1,2
Vale do Itajaí	4,9	0,6
Santa Catarina	788,2	100

*Inclui os frangos abatidos em Santa Catarina e os criados no estado e abatidos em outras unidades da federação.

Fonte: EPAGRI (2019).

A presença desse conjunto de empresas e de produtores rurais gera uma crescente demanda de insumos pela indústria. O milho, principal componente da ração destinada às aves, é um desses insumos. Contudo, a produção estadual do cereal não tem sido suficiente para atender às demandas do setor. A sistemática redução da área de plantio, associada a eventos de ordem financeira e da demanda dos mercados globais, provocou nos últimos anos crises de abastecimento muito severas no estado.

Figura 1 – Mapa da distribuição dos rebanhos e das unidades industriais de abate de aves na mesorregião Oeste Catarinense (2016)



Durante os anos de 2008, 2012 e 2016, o estado de Santa Catarina conheceu cenários de escassez no fornecimento do grão engendrados por eventos externos, principalmente a alta demanda e a elevação dos preços no mercado internacional, e por fatores internos, como variações climáticas que afetaram consideravelmente diferentes culturas agrícolas no Oeste Catarinense, progressiva redução das áreas de plantio em substituição a culturas mais rentáveis (principalmente a soja) e demanda muito maior do que a disponibilidade do cereal. Nesse contexto, a indústria agroalimentar necessita realizar a importação sistemática de milho de outros estados (casos do Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul) e até mesmo de países vizinhos, como Paraguai e Argentina, encarecendo ainda mais o produto devido aos custos de transporte.

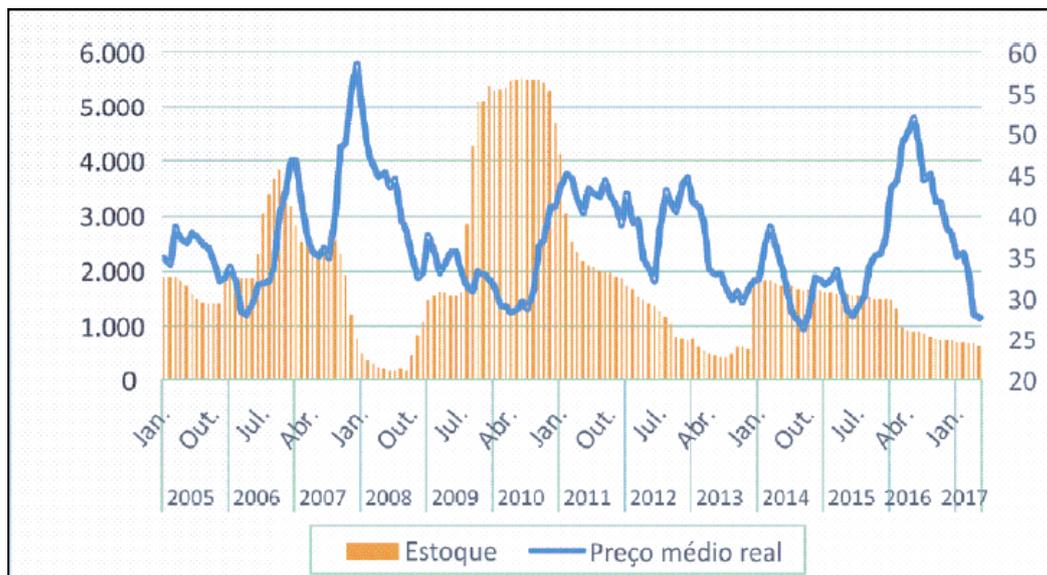
Em decorrência desses eventos, avicultores, suinocultores e a indústria agroalimentar, especialmente as unidades menores que não possuíam capacidade de armazenagem, passaram por dificuldades. Durante esses períodos, manchetes como “Crise na Avicultura”, “Alta dos insumos ameaça agroindústria”, “Com setor avícola em crise, preço da carne de frango começa a subir”, “Pequeno produtor pode ficar sem renda” e “Agroindústrias pedem ajuda no transporte de milho” tornaram-se frequentes na imprensa¹, ganhando grande repercussão.

Na *Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina*, podemos observar que a situação mais recentemente não é diferente dos anos anteriores, em que a demanda por milho era superior à quantidade produzida. Como anota a referida pesquisa, “[...] atualmente, [o estado de] Santa Catarina é deficitário no balanço de oferta e demanda de milho. No ano de 2016, a demanda total do grão totalizou 6,6 milhões de toneladas, enquanto a oferta fechou em 3,3 milhões de toneladas” (EPAGRI, 2017, p. 86). Em parâmetros mundiais, na safra 2017/2018, houve uma redução na produção entorno de 4,15%, sendo que no Brasil e na Argentina a quebra na produção corresponde a 1,84% do total mundial (EPAGRI, 2018).

A partir da Figura 2, podemos analisar a relação entre a oferta de milho e os preços médios a nível nacional entre os anos 2005 e 2017, e compreender que nos anos de crise de abastecimento os preços se elevaram consideravelmente. Percebe-se que há uma variação de preços inversamente proporcional à oferta de milho.

¹ Vide, a título de exemplo, as reportagens de Pereira (2012), Debona (2016) e Canal Rural (2016).

Figura 2 - Estoque e preço médio nacional do milho – 2005 a 2017.



Nota: preços mensais corrigidos pelo IGP-DI (base: maio/2017)

Fonte: Conab e Cepea (2017, apud EPAGRI, 2017, p. 84).

Em conformidade e com o intuito de compreender melhor a produção regional desse cereal, trataremos dessa questão na próxima seção.

3 - A produção regional de milho

A maior parte dos municípios que mais produzem milho em Santa Catarina está localizada no Oeste, com destaque para Chapecó, Abelardo Luz, Seara e Concórdia. Através da análise da Figura 3, podemos compreender como a retração da arena de produção do cereal, que ocorreu em período de dez anos (2004 a 2014), na mais importante região produtiva agrícola do estado, pode ser considerada um dos fatores que restringiram a oferta do grão, delineando as crises de abastecimento dos últimos anos.

Ainda podemos associar a queda da área de cultivo aos seguintes eventos:

- a) variações climáticas que provocaram perda de lavouras e queda da produtividade;
- b) substituição das áreas de cultivo de milho por plantações com preço mais estável e rentável, como a soja; e
- c) avanço das áreas de pastagem e da silvicultura, especialmente na microrregião do extremo Oeste Catarinense, levando a outros usos da terra.

Com relação às áreas de produção de milho que estão sendo substituídas por soja, podemos observar nas tabelas a seguir (Tabelas 3 e 4) que este dado se confirma com grande relevância.

Tabela 3 – Produção de milho no Oeste Catarinense

	Área plantada (ha)	Área colhida (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio da produção (kg/ha)
2004	548.109	525.974	2.224.370	4.229
2008	442.953	442.953	2.528.855	5.709
2012	294.294	287.317	1.415.232	4.926
2016	207.250	207.250	1.521.516	7.341
2017	206.510	206.128	1.768.555	8.580

Fonte: SIDRA/IBGE - Tabela 839: Produção Agrícola Municipal.
Adaptado pelos autores (2019).

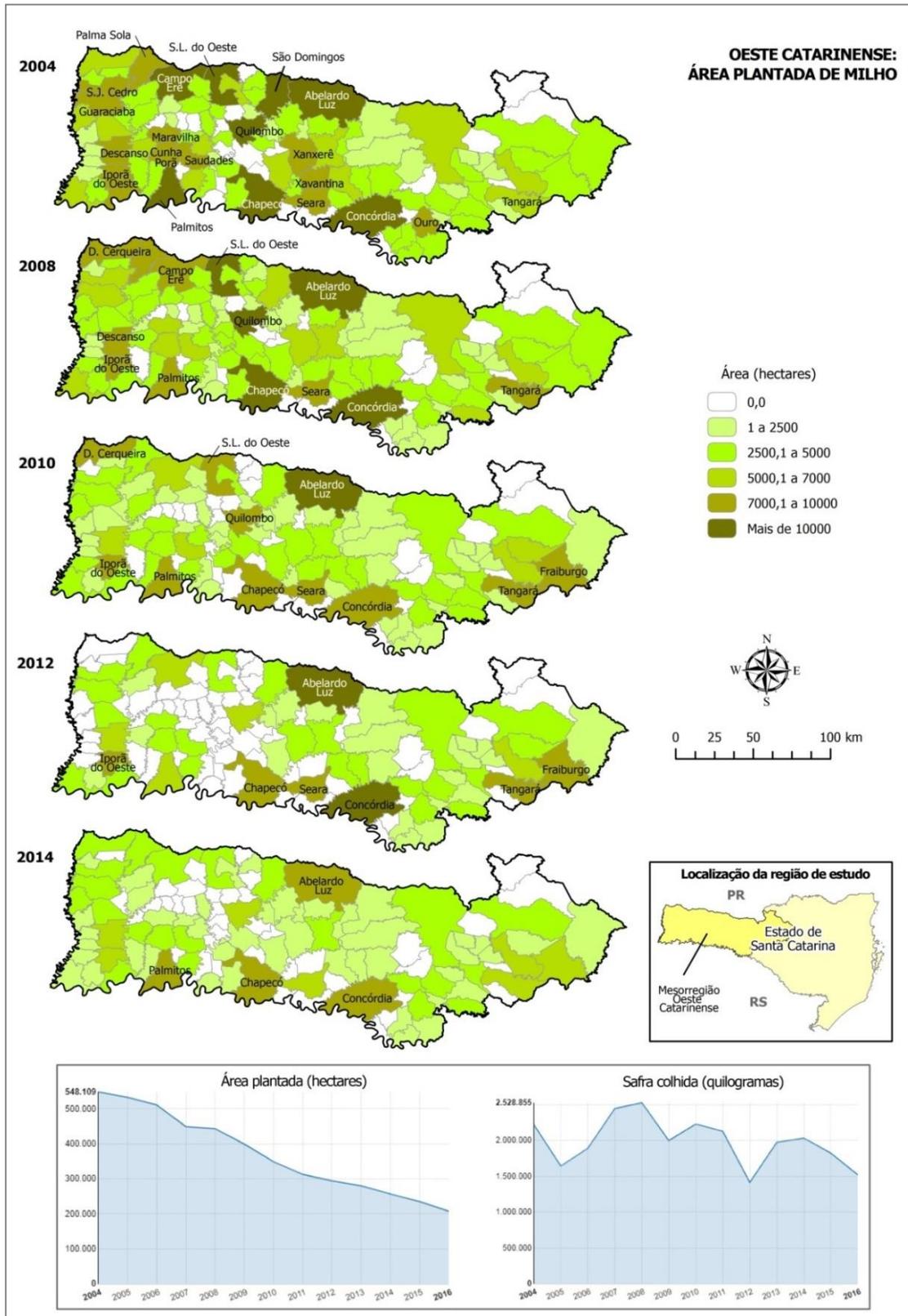
Tabela 4 - Produção de soja no Oeste Catarinense

	Área plantada (ha)	Área colhida (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio da produção (kg/ha)
2004	184.396	184.366	365.001	1.979
2008	215.965	215.965	518.279	2.399
2012	257.996	257.596	519.679	2.017
2016	337.600	337.600	1.050.827	3.113
2017	338.134	332.333	1.180.163	3.551

Fonte: SIDRA/IBGE - Tabela 1612: Produção Agrícola Municipal.
Adaptado pelos autores (2019).

Ainda é interessante observar que, apesar da queda da área destinada à produção de milho, a quantidade produzida, mesmo que insuficiente para atender às demandas do estado, mantém-se estável. Isso se explica devido aos ganhos de produtividade a partir da implantação de “pacotes tecnológicos” nos municípios onde a produção tem se realizado por meio da agricultura empresarial e nas propriedades onde a produção é mediada e integrada às cooperativas agroindustriais. Em Abelardo Luz, por exemplo, a produtividade passa de 6.750 quilos por hectare em 2004 para 12 mil quilos por hectare em 2014 (IBGE, 2018). Isso se dá devido ao avanço da agricultura empresarial em áreas da agricultura familiar, por intermédio de muitos mecanismos, como a compra de terras e o arrendamento.

Figura 3 – Distribuição espaço-temporal da área plantada de milho no Oeste Catarinense



Fonte: IBGE (2018).
Elaboração: os autores (2019).

O uso do território, entendido aqui como o dinamismo da economia e da sociedade (SANTOS, 1996), realizado pelas empresas tem levado ao campo uma lógica de exploração em que apenas as demandas de mercado interessam. Uma lógica estabelecida por atores que podem executar um programa quase sempre orientado para o lucro e para atender aos interesses das *trading companies*, criando situações de escassez que ameaçam o funcionamento do próprio aparelho produtivo hegemônico, nesse caso, a indústria de abate e processamento de aves historicamente instalada na região.

Contudo, diversos atores regionais têm pensado projetos para o campo. Esses atores já acumulam experiências significativas de desenvolvimento rural e regional e a expansão de seus programas pode ser uma alternativa interessante para regiões agrícolas como o Oeste Catarinense.

4 - Geopolítica do lugar: pensando o futuro

Philippe Subra (2016), ao apresentar um caminho teórico e metodológico para os estudos da geopolítica local, ressalta que os conceitos de ator, território e poder são fundamentais, uma vez que o objetivo da geopolítica é o de analisar as rivalidades de poder no confronto dos atores pelo controle de um território.

Na região Oeste de Santa Catarina, questões relacionadas ao campo sempre ocuparam a pauta de discussões de diversos atores. Atualmente, organizações regionais ligadas ao empresariado, ou à classe trabalhadora, colocam em pauta uma série de projetos que representam diferentes modelos de desenvolvimento para a região.

Grupos econômicos e frentes políticas ligadas ao agronegócio e, portanto, associadas à manutenção de um modelo agroexportador estabelecem ações que aprofundam o sistema de integração e de subordinação dos camponeses às agroindústrias, incentivam a continuidade da modernização técnica da agricultura e trabalham na difusão das novas ideologias, como a ideologia do empreendedorismo, que chega também ao campo e alcança com velocidade a agricultura familiar e a juventude rural. Para essas frentes, a solução para a questão da escassez do milho está na estruturação e funcionamento de uma conexão transfronteiriça chamada de Nova Rota do Milho. O projeto consiste em estabelecer novos conjuntos de sistemas de ações e objetos que viabilizem a importação do milho produzido no Paraguai.

Entre esses projetos que visam tornar a região cada vez mais unificada aos mercados externos globalizados, lideranças políticas e companhias do setor também têm apoiado e defendido um ambicioso projeto logístico: a chamada Ferrovia da Integração. Diante das sucessivas crises de abastecimento do milho e das distâncias que separam as fábricas/abatedouros dos portos, o projeto visa a construção de uma linha ferroviária para estabelecer a conexão em rede da região Oeste do estado com o litoral e ainda ligar a região aos terminais de Rio Grande (RS) e de Panorama (SP) e, conseqüentemente, às áreas produtoras de milho do Centro-Oeste brasileiro, através de outra via férrea, a Ferrovia do Milho (ZANELLA, 2014).

O projeto da Ferrovia da Integração, que atualmente está na fase de estudos de viabilidade técnica, é alvo de disputas políticas devido à definição de seu traçado: uma proposição é de que o traçado passe pela região da serra catarinense (Ponte Alta e Alfredo Wagner) em direção a Blumenau – proposição mais provável, segundo a Valec (empresa do governo federal responsável pela ampliação da malha ferroviária no país) (Figura 4); outra proposta é de que passe pelo norte do estado antes de chegar ao litoral. Conforme publicação de reportagem em fevereiro de 2018 (SPAUTZ, 2018), o custo da obra, estimado entre 12 e 14 bilhões de reais, dependerá principalmente da definição do traçado.

Por outro lado, projetos alternativos e mesmo contra-hegemônicos de desenvolvimento territorial são pensados e executados no espaço regional. As ações de atores estatais, da sociedade civil organizada (sindicatos, ONGs, Cooperativas de pequenos produtores, etc.) criam novas possibilidades no meio rural. Diversificação econômica, soberania alimentar, agrobiodiversidade e produção de alimentos orgânicos são palavras recorrentes na produção discursiva dessas organizações.

Visando a manutenção de efetivos populacionais rurais, organismos governamentais, como a Epagri (Empresa de Pesquisa e Extensão Rural de Santa Catarina), têm empreendido programas para viabilizar a permanência das famílias no campo. Entre esses programas, o desenvolvimento de agroindústrias familiares, organizadas em forma de cooperativas, que mobilizam o saber regional para fabricação de alimentos, tem se mostrado como uma possibilidade de valorização do território (DORIGON, 2015).

Figura 4 – Ferrovia da Integração: traçado provável



Fonte: Valec (2018).
Elaboração: os autores (2019).

A Fetraf-Sul (Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul do Brasil) e os sindicatos também mobilizaram seus associados para a construção de alternativas: em Chapecó, por exemplo, a Cooperfamiliar, que é uma cooperativa de agricultores familiares, centraliza a pequena produção e participa dos programas de compras institucionais, especialmente aqueles ligados à merenda escolar. Dezenas de Cooperativas como a Cooperfamiliar são articuladas através de uma organização com sede em Chapecó: UNICAFES².

² “A União das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária do Estado de Santa Catarina (Unicafes SC) foi constituída para oferecer visibilidade e ser um instrumento de representação dos interesses das suas cooperativas afiliadas. Criada em 28 de julho de 2006, a Unicafes Santa Catarina representa atualmente 97 cooperativas que integram os segmentos crédito, comercialização, produção, serviços, habitação, trabalho e fabricação. A sede da Unicafes Santa Catarina está localizada na cidade de Chapecó, no Oeste do Estado” (UNICAFES, 2020).

Junto a esses organismos, a Cresol (Sistema das Cooperativas de Crédito Rural com Interação Solidária) atua como braço financeiro, viabilizando linhas de crédito do Pronaf e implantando programas que visam diversificar a produção no interior das pequenas propriedades. O estudo de Bender (2018) realizou uma cartografia da Cresol em Santa Catarina e demonstrou a importante densidade dessa entidade no estado. Em alguns municípios, predominantemente rurais, a Cresol é o único agente financeiro atuando, ao mesmo tempo, na inclusão bancária dos agricultores e no desenvolvimento rural.

Atores históricos, como MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), por meio de seus assentamentos, também desenvolvem projetos na região. Cooperativas criadas nos anos 1990³ para industrialização dos produtos dos assentamentos compram matéria prima de assentados e agricultores familiares. Essas cooperativas, ligadas à marca Terra Viva, industrializam e distribuem nos mercados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul os chamados “Produtos da Reforma Agrária”.

A territorialização dos saberes tradicionais para a preservação, divulgação, reprodução, ampliação do uso e melhoramento genético do milho crioulo é uma outra frente de trabalho regional. Campos (2018) relata a participação de diversas instituições⁴ junto aos agricultores nas práticas tradicionais agrícolas que envolvem o uso das sementes crioulas. Para o autor, é no Oeste de Santa Catarina que está concentrada a maior parte das experiências de multiplicação e conservação das sementes, conformando o que ele chamou de “Território do milho crioulo”.

5 - Considerações finais

A partir dos estudos realizados, podemos concluir que as áreas destinadas à produção de milho no Oeste Catarinense têm diminuído a cada ano, não obstante a produtividade por hectare ter aumentado devido ao uso de tecnologias mais avançadas e sementes geneticamente melhoradas. Por conseguinte, a demanda se torna maior que a produção, sendo necessário buscar o cereal em outros estados, o que aumenta os custos finais dos

³ A Cooperoeste nos municípios de São Miguel do Oeste e Abelardo Luz é um exemplo.

⁴ “a) Cooperativa Mista de Produção Industrialização e Comércio de Biocombustíveis e Produtos Agropecuários do Sul do Brasil – OESTEBIO (...). b) Movimento dos Pequenos Agricultores (...) c) Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Anchieta. d) Empresa de Pesquisa e Extensão Rural de Santa Catarina (...) e) Universidade Federal de Santa Catarina (...) f) Parcerias em outros territórios do milho crioulo (...)” (CAMPOS, 2018, p. 271 -281).

produtos e ameaça a permanência do aparelho produtivo do setor avícola instalado na região.

Como procuramos demonstrar, a mesorregião Oeste Catarinense destaca-se no circuito espacial de carnes, principalmente avícola e de suínos – responsável por grande parte da produção e das exportações deste ramo a nível estadual – o que demanda muito milho para a fabricação de ração animal. Porém, nos últimos anos, muitos agricultores estão transitando do plantio de milho para a soja, pois o valor comercial da soja está mais alto e desta forma os lucros são maiores. Ações como essas já impactaram a região e podem gerar novamente as chamadas crises de abastecimento.

Atores do setor empresarial e governamental ressaltam a importância da criação da Nova Rota do Milho e da Ferrovia da Integração, pois através desta tornar-se-á facilitado o escoamento de insumos e da produção do Oeste Catarinense para os portos, diminuindo os custos de transporte e conseqüentemente o valor do produto. A ação, nesse caso, é orientada pelo uso corporativo do território (SANTOS; SILVEIRA, 2001), em que estas são conduzidas por um jogo de forças políticas, econômicas e sociais.

6 - Agradecimentos

Os estudos que embasaram a produção do presente artigo tiveram apoio científico-financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina (FAPESC), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e do Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina (UNIEDU/Fumdes), a quem os autores agradecem.

REFERÊNCIAS

BENDER, L. **Cooperativas de Crédito e Agricultura Familiar: a Geografia da Cresol Central SC/RS**. 2018, 73 f. Monografia (Graduação em Geografia), Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018.

BRF S/A. **Relatório Anual e de sustentabilidade de 2017**. 2017, 172 p. Disponível em: http://ri.brf-global.com/wp-content/uploads/sites/38/2018/11/BRF_Relatorio2017_PORT.pdf. Acesso em: 10 nov. 2018.

CANAL RURAL. **Crise do milho põe em risco 60% dos empregos em município do oeste catarinense**. 10/06/2016. Disponível em:

<http://www.canalrural.com.br/noticias/rural-noticias/crise-milho-poe-risco-dos-empregos-municipio-oeste-catarinense-62483>. Acesso em: 16 mar. 2018.

CAMPOS, A. V. **Território do Milho Crioulo**: a propriedade intelectual coletiva e o melhoramento genético como estratégia de reprodução social. 2018, 330 f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

COOPERATIVA CENTRAL AURORA ALIMENTOS. **Unidades**. 2018. Disponível em: <https://www.auroraalimentos.com.br/sobre/unidades>. Acesso em: 27 nov. 2018.

DEBONA, D. Falta de milho atinge agroindústrias do Oeste de Santa Catarina. **Diário Catarinense**, 28/05/2016. Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2016/05/falta-de-milho-atinge-agroindustrias-do-oeste-de-santa-catarina-5811996.html>. Acesso em: 16 mar. 2018.

DORIGON, C. Le passage du modèle de l'agriculture familiale à un modèle coopératif familial autour des produits coloniaux au sud du Brésil. **Bulletin de l'Association de Géographes Français**, n. 92, v. 3, p. 353-363, 2015.

EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA E EXTENSÃO RURAL DE SANTA CATARINA (EPAGRI). **Números da agropecuária catarinense**. Maio/2019. Florianópolis: Epagri/Cepa. ISSN 0100-8986. Disponível em: http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/publicacoes/Numeros_Agropecuaria_Catarinense_maio_2019_site.pdf. Acesso em: 25 ago. 2019.

_____. **Síntese anual da agricultura de Santa Catarina 2016/2017**. Florianópolis: Epagri/Cepa. 2017. Disponível em: http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/publicacoes/Sintese-Anual-da-Agricultura-SC_2016_17.pdf. Acesso em: 30 jan. 2018.

_____. **Síntese anual da agricultura de Santa Catarina 2017/2018**. Florianópolis: Epagri/Cepa. 2018. Disponível em: <http://webdoc.epagri.sc.gov.br/sintese.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2019.

ESPÍNDOLA, C. J. **As agroindústrias no Brasil**: o caso Sadia. Chapecó: Grifos, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produção Agrícola Municipal**. 2018. Sidra. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas>. Acesso em: 18 fev. 2018.

_____. **SIDRA**: Tabela 1612 - Produção Agrícola Municipal. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1612#resultado>. Acesso em: 22 ago. 2019.

_____. **SIDRA**: Tabela 839 - Produção Agrícola Municipal. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/839#resultado>. Acesso em: 22 ago. 2019.

JBS. **Relatório Anual e de sustentabilidade de 2017**. 2017. Disponível em: <http://jbs.infoinvest.com.br/ptb/4587/JBS%20RA%20PT%20180427b%20Final.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2019.

JBS. **Seara**. 2018. Disponível em: <https://jbs.com.br/sobre/negocios/seara/>. Acesso em: 27 jan. 2019.

MARTINS, F. M. **Coefficientes técnicos e custos agregados na cadeia produtiva do frango no oeste catarinense**. Concórdia: Embrapa Suínos e Aves, 2007.

PEREIRA, M. Crise na avicultura de SC. **Click RBS**, 20/08/2012. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/moacirpereira/2012/08/20/crise-na-avicultura-de-sc/?topo=67,2,18,,67>. Acesso em: 16 mar. 2018.

PERTILE, N. **Formação do espaço agroindustrial em Santa Catarina: o processo de produção de carnes no Oeste Catarinense**. Florianópolis, 2008, 322f. Tese (Doutorado em Geografia), CCH/UFSC, 2008.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SPAUTZ, D. **Projeto da Ferrovia da Integração prevê custo de R\$ 14 bilhões**. NSC Total, 18/02/2018. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/dagmara-spautz/projeto-da-ferrovia-da-integracao-preve-custo-de-r-14-bilhoes>. Acesso em: 18 fev. 2018.

SUBRA, P. **Géopolitique locale: territoires, acteurs, conflits**. Malakoff: Armand Colin, 2016.

UNICAFES. **União Nacional de Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária**. Disponível em: <http://unicafesc.org.br/>. Acesso em: 12 jan. de 2020.

VALEC ENGENHARIA CONSTRUÇÕES E FERROVIAS S.A. **Corredor Ferroviário de Santa Catarina**. 2018. Disponível em: <http://valec.gov.br/ferrovias/corredor-ferroviario-de-santa-catarina>. Acesso em: 22 abr. 2018.

ZANELLA, A. P. A implantação de um macrossistema técnico: discursos e implicações territoriais da Ferrovia da Integração (Leste-Oeste Catarinense). In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2014, Vitória. **Anais...** Vitória, AGB, 2014.